

REDES SOCIAIS E LETRAMENTO: HIBRIDISMO EXIGIDO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Rosangela Mendes¹

Frankiele Oesterreich²

RESUMO:

Este artigo apresenta uma análise realizada tendo como base um projeto pedagógico em desenvolvimento na Escola Estadual de Ensino Fundamental Oliva Lorentz Schumacher, modalidade EJA, que tem como foco as redes sociais, especificamente o *Facebook*. O estudo revela que, por ser objeto de interesse dos alunos, a utilização das redes sociais é capaz de permitir o desenvolvimento do letramento. Ainda, focaliza a rede social como um espaço interativo, dinâmico e democrático, podendo proporcionar situações que contribuam para o desenvolvimento da consciência crítica, da compreensão da realidade e da formação de um cidadão atuante na vida em sociedade.

Palavras-chave: Redes sociais; letramento; Facebook; EJA.

ABSTRACT:

This article presents an analysis based on a pedagogical project in development at Escola Estadual de Ensino Fundamental Oliva Lorentz Schumacher, modality EJA, focused on social networks, specifically Facebook. The study shows that, for to be interest of students, the use of the social networks is able to allow literacy development. More, it focuses the social network as an interactive, dynamic and democratic space, can provide situations that contribute with development of critical consciousness, of the understanding of reality and the of formation of an active citizen in society.

Keywords: Social networks; literacy; Facebook; EJA.

¹ Aluna de Pós-Graduação em Mídias na Educação, UFSM.

² Professora Orientadora, Mestre em Educação, UFSM.

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, a comunicação e a interação são essenciais na vida de qualquer ser humano, sendo esta, uma questão de sobrevivência. Consciente disto, o homem tirou proveito do seu poder racional para criar tecnologias de comunicação, culminando na era da internet com suas múltiplas redes sociais.

É evidente que a sociedade vive o apogeu das redes sociais, e os alunos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA, como as demais pessoas, a despeito dos evidentes obstáculos de aprendizagem, também são atraídos para este ambiente. Talvez, sejam impelidos a ele pela necessidade de serem aceitos pelo grupo social ou pela facilidade de acesso às atuais tecnologias. E, independente de classe social, a facilidade de acesso tem contribuído para que ocorra a inserção destes jovens no mundo da web 2.0, pois aparentemente, neste espaço, não existem diferenças socioeconômicas ou culturais.

Por outro lado, é paradoxal que em um país como o Brasil, que tem um bom desenvolvimento socioeconômico, ainda prevaleça sérios obstáculos à apropriação proficiente da leitura e escrita que permita ao educando exercer com habilidade as competências do letramento como prática social.

Diante do exposto, buscou-se com este estudo, analisar a dicotomia entre a inserção do educando da EJA nas redes sociais e o letramento, relacionando com as competências que a sociedade exige, tendo como base a práxis da educação libertadora, baseada em obras de Paulo Freire (1967, 2007), além de autores que contribuem para o estudo, como Carlos Rodrigues Brandão (1981), Manuel Castells (1999, 2013), Sérgio Haddad (1992), João Mattar (2013), Magda Soares (1998), entre outros.

A metodologia adotada foi a análise bibliográfica, pesquisa antropológica com os alunos da EJA, entrevistas com professores que atuam nesta modalidade e, observações realizadas com alunos de faixa etária entre 15 a 30 anos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Oliva Lorentz Schumacher, em Formigueiro, RS.

O estudo está organizado em seis capítulos, o primeiro, a introdução, o segundo, refere-se à contextualização da EJA, apresentando um breve histórico. O terceiro capítulo aborda o Letramento tratando da importância da prática social da escrita e da leitura, o quarto capítulo, fala das redes sociais virtuais e o letramento, evidenciando as possibilidades para a prática social da leitura e da escrita. O quinto capítulo trata da metodologia e, o sexto, da análise e discussão dos dados.

2. EJA: CONTEXTUALIZAÇÃO

A EJA – Educação para Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino voltada para pessoas que não tiveram acesso a escolaridade na idade adequada e ou não concluíram o ensino básico devido a reprovações e/ou evasões escolar.

O precursor da EJA foi o projeto MOBRAL³, criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, com o objetivo de erradicar o analfabetismo em curto espaço de tempo, cuja metodologia era embasada nos princípios freirianos e com objetivos eleitoreiros e de mão de obra (PAIVA, 1983).

De acordo com Artigo 208 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, determina:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009).
[...] VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; (BRASIL, 1988).

Convém salientar que a EJA vem perdendo as características iniciais de uma proposta de ensino apenas voltada para pessoas que não tiveram acesso à escola na idade adequada, pois devido à obrigatoriedade da educação básica, adolescentes com idades a partir dos 15 anos⁴, estão matriculados e frequentando a EJA.

Segundo Haddad (1992, p. 03), “Falar sobre Educação de Jovens e Adultos no Brasil é falar sobre algo pouco conhecido. Além do mais, quando conhecido, sabe-se mais sobre suas mazelas do que sobre suas virtudes”. O argumento do autor aponta para a necessidade de promover a inclusão social que priorize a formação integral do aluno, visando o resgate da cidadania e da libertação da opressão. Para tanto, o professor da EJA com ideais libertadores e humanistas embasa suas ações no modelo andragógico⁵, ciente que os meios tecnológicos presentes no ambiente escolar que, de forma implícita, estão propondo novos ambientes de aprendizagem. Diante disto, o professor precisa propor-se a conhecer e entrar no universo dos seus alunos concebendo que “o jovem tem um olhar para o futuro. Na transição da infância para a fase adulta está ligado às inovações tecnológicas, aos modismos dos meios de comunicação, ou seja, às mudanças que ocorrem no mundo” (OLIVEIRA, 2004, p. 59). Este olhar do aluno confirma que as ações pedagógicas devem corresponder aos anseios característicos da faixa etária a que os jovens e adolescentes da EJA pertencem.

³ Movimento Brasileiro de Alfabetização

⁴ **Resolução CNE/CEB 1/2000** - Parâmetros de Idade para EJA (BRASIL, 2008, p 04)

⁵ A andragogia, enquanto modelo para a educação de adultos, é caracterizada pela participação dos alunos, pela flexibilidade e pelo foco no processo, ao invés da ênfase no conteúdo. (MARQUES, 2007, p.76)

Aliado a isto, o professor é desafiado por tendências paradigmáticas desafiantes. Conforme PAIVA (et all, 2007)

Fundada nos valores da democracia, da participação, da equidade e solidariedade social, a EJA deve permitir aos educandos mudar a qualidade de sua intervenção na realidade. Seu objetivo primeiro é, pois, a construção de **novas formas de participação** e de exercícios pleno e consciente dos direitos de cidadania. (PAIVA, 2007, p. 26, grifo nosso)

Nesta perspectiva, a EJA, exige um professor democrático, que questione, analise e reflita seu fazer pedagógico, busque estratégias capaz de resolver problemas, propor soluções, que alie a prática à teoria, ciente que suas ações são intenções, com vistas a estimular seus alunos a buscar a inserção na sociedade da pós-modernidade, a superar exclusões sociais, individualismos, consumismos e injustiças sociais. Um professor que se torne capaz de compreender e usar as variadas formas de linguagem e novos espaços com a intenção de propiciar a qualificação dos processos de aprendizagem.

3. LETRAMENTO: CONDIÇÃO DE RESISTÊNCIA À DOMINAÇÃO

A educação libertadora pressupõe um indivíduo que supera os obstáculos à apropriação proficiente da leitura e escrita que exerce as habilidades e competências do letramento como prática social. O indivíduo alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, entretanto, não é necessariamente um indivíduo letrado. Por isto, corrobora-se com Soares (2010, p. 40), quando afirma que “o indivíduo letrado não é só aquele que sabe ler e escrever, mas que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita”.

O professor ciente das características do mundo contemporâneo procura propor ações que desenvolvam em seus alunos competências que incluam, procura transformar informações em conhecimentos, reconhece também que, apesar da diversidade cultural e social, o mundo é definido pela desigualdade social e educacional. Para isto, o professor procura desvendar novos saberes objetivando sua formação para o exercício pleno em sociedade.

Neste contexto, Alda (et all, 2010) apresenta que,

Em um século onde saber expressar-se – fazer-se entender e ser entendido nos mais diferentes contextos e situações – é sinônimo de sobrevivência e inclusão social [...] Se é sabido que ninguém consegue aperfeiçoar a habilidade de expressão e comunicação manuseando e ouvindo expressões pouco letradas, cabe à escola – ambiente da educação formal – ensinar e estimular a prática da leitura significativa e contextualizada. (ALDA, et all, 2010, p.7)

O professor precisa prever ações pedagógicas com a intenção de permitir ao aluno compreender e ser compreendido, que se reconheça como indivíduo participativo, que se identifique como cidadão, que se envolva em práticas sociais de leitura e de escrita. Para tanto, disponibilizará espaços de leitura e escrita que possibilitem a formação de jovens e adolescentes com condições de exercer plenamente sua cidadania.

Para Soares (2001), no conceito de letramento está implícita a ideia de que o letramento e o iletramento trazem consequências que produzem efeitos de natureza cognitiva, psíquica, social, cultural, política e até econômica, por exemplo, a não compreensão de direitos sociais básicos para a vida em sociedade, leva à condição de submissão ao opressor.

Diante do exposto, ainda se faz necessário questionar, se estaria a escola alienada e em dissonância com o mundo dos jovens e adolescentes, construindo uma enorme Torre de Babel ao ignorar que eles estão vivenciando um momento singular na história da humanidade com o advento da internet? De acordo com Eliana Santana Lisbôa (2010), há quase quatro décadas atrás Marshall McLuhan⁶ já falava de uma sala de aula sem paredes, teorizando a ausência de limites para a aprendizagem, propiciando a compreensão de que o aluno pode gerir seu próprio conhecimento neste novo espaço que passou a fazer parte do mundo deles.

Segundo Mattar (2013, p.15), “as redes sociais são habitat da geração que recebemos, hoje, em nossas escolas e universidades. Portanto, incorporar redes sociais à educação parece um passo instintivo para mantermos o contato com nossos alunos”. Por isso, o professor como um agente libertador incorpora e apropria-se de recursos pedagógicos inovadores, ocupa todos os espaços disponíveis e possíveis, conduzindo assim, o aluno ao letramento, com práticas pedagógicas organizadas de forma que contemple estes espaços de interesse dos alunos, levando-os a construção do conhecimento que o transforma em um cidadão crítico, participativo que identifica e luta contra a coerção e intimidação e que não se rende à manipulação ideológica do poder, criando significados, moldando a mente ao interagir com o mundo natural e virtual.

Portanto, “conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (MORIN, 2003, p. 59). O professor que dialoga com a incerteza, certamente trará a certeza da urgência em mudar, em adaptar-se a mudanças, adequar ações,

⁶ Crítico feroz da escola tradicional, Criador da ideia de "aldeia global" uma das mais curiosas ideias é a de que "os meios de comunicação são extensões do homem". Ainda afirmava que "É ilusório supor que existe qualquer diferença básica entre entretenimento e educação. Sempre foi verdade que tudo o que agrada ensina mais eficazmente". http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_marshall_mcluhan.htm

propor novas intervenções, ter um olhar atento ao mundo do jovem e adolescente e ao mesmo tempo tenta entrar nele.

Diante disto, percebe-se que ainda há muito que se mudar, e mudar para melhor, principalmente no contexto escolar, e mais ainda, no que se refere ao letramento. Desse modo, trabalhar com essas mudanças na sala de aula se faz necessário, incluindo as tecnologias, em especial, as redes sociais, podem ser uma alternativa possível, desde que, o professor esteja preparado para inovar e sair da zona de conforto.

4. AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS E O LETRAMENTO

Com o advento da internet e a sua potencialização através das redes sociais virtuais permite a ousadia do apropriar-se das metáforas⁷ de Alves (2004) “ultrapassar os muros da escola, ter salas sem paredes e participar de escolas com asas, produzindo resignificações, mudanças de concepções e paradigmas”. Essas frases já são mudanças desejadas, que a escola se abra e que se permita mais participações, mais ações, que abra espaço para novos paradigmas em educação remetendo às tecnologias presentes nas escolas e na vida dos alunos.

Diante disso, Castells (1999, p.26) afirma que as tecnologias não servem apenas para se aplicar, mas processos para serem desenvolvidos, “Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força produtiva direta, não apenas um elemento decisivo do sistema de produção”. É necessário analisar todo o processo, e não apenas os resultados de uma ação. Um exemplo, um projeto mais amplo, demanda tempo para trazer resultados, mas, de forma alguma a sua ação, os progressos dos alunos devem ser negados, pois fazem parte da construção do resultado final, que, deveria ser bem mais avaliado que apenas um produto pronto.

Sendo a mente humana uma força produtiva, é capaz de desenvolver com autonomia o seu próprio letramento e organizar o seu tempo e capacidade de aprendizagem, transformando a informação em conhecimento.

O estilo cognitivo presente nas redes sociais virtuais enquanto ferramenta da web 2.0, permite aprendizagens significativas, transformadoras e libertadoras possibilitando o desenvolvimento humano, para isto, as novas tecnologias aliadas às redes sociais, estão de forma empírica, contribuindo para formação de um cidadão consciente da importância da sua

⁷ "Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas" (Rubem Alves, 2004).

participação em sociedade, rompendo com a ideia de que só alguns podem produzir e modificar as informações.

Sociedade esta que ora aceita, ora discrimina. Por isto, Silveira (2010, p. 65) reforça que “[...] apesar das tecnologias da informação comunicação darem [sic] [dar] a impressão de homogeneizar os comportamentos, as atitudes e as finalidades, a comunicação em redes digitais não dissolveu nem aplacou as diferenças.”. Esta impressão é potencializada na ausência da produção de conhecimento, de significação e ressignificação de ações que permitam o exercício pleno da cidadania e conseqüentemente o fortalecimento da democracia.

Corrêa (2012) afirma que há um processo de reconfiguração das redes sociais, no qual permanentemente ocorre a aprendizagem, que implica na redefinição e na apropriação das inovações nos seus contextos reais de uso. E ao mesmo tempo em que produzem solução para velhos problemas, também produzem novas formas de exclusão.

Ao relacionar a rede social virtual a contextos reais de uso, na luta contra as mazelas da exclusão, considera-se que o letramento pode ser desenvolvido a partir do momento que o aluno passa a compreender a função social do *Facebook*. Esta tarefa implica em propiciar a construção do conhecimento, o desenvolvimento cognitivo, explorando o espaço propiciado pelas redes sociais, objetivando a apropriação da leitura e da escrita, bem como estabelecer o letramento como condição necessária para o exercício pleno da cidadania, da libertação de estereótipos sociais dominadores. Para Gonçalves e Patricio

O Facebook é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e, provavelmente, o mais utilizado entre estudantes universitários. (GONÇALVES e PATRICIO, 2010, p.594)

Este espaço propiciado pelo *Facebook* tem desafiado os professores. Conhecimentos informais podem ser concebidos, os alunos são estimulados a desenvolver o senso crítico, a responsabilidade social, o senso de contestação, a liberdade de expressão, a exercer o poder da democracia e perceber que mudanças podem ocorrer através da participação coletiva e colaborativa em rede, possibilitando o desenvolvimento do letramento como prática social, cultural e política.

Redes podem fortalecer a democracia, mobilizar e desafiar a população de um país a demonstrar a insatisfação com seus governantes, exigir direitos, cobrar moralização e desafiá-los à participação, “subitamente, ditaduras *poderiam* ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo, mesmo que essas mãos estivessem ensanguentadas pelo sacrifício dos que tombaram” (CASTELLS, 2013, p. 9, grifo nosso).

Na verdade, uso de redes sociais virtuais é um movimento novo que requer estudo e pesquisas, no entanto, conforme Mattar (2013) existem vários pretextos para que estas redes sejam transformadas em aliadas na educação, pois elas são o habitat dos nossos alunos, embora possa haver relutância por parte deles em mesclar estudo com recursos de diversão, por outro lado, eles estão acostumados com a interface o que facilita o uso como recurso de aprendizagem, tornando a aprendizagem mais prazerosa.

Para Martins, (et all, 2009) as evidências constatadas nos resultados de pesquisas realizadas demonstram que é possível considerar-se o uso de redes sociais virtuais, através das chamadas comunidades virtuais, como forma de incentivar e contribuir para o aprendizado de alunos da educação superior. Se ocorre na educação superior, certamente pode acontecer na qualificação das aprendizagens dos alunos da EJA.

Além disto, a interação é um dos princípios fundamentais para a aprendizagem, portanto a rede social configura-se em uma forma autêntica de interação, entre seus participantes, no qual a interação entre alunos e professores é fundamental para a aprendizagem acontecer.

5. METODOLOGIA

Este estudo buscou a partir da criação de um grupo na rede social *Facebook*, integrar os alunos que frequentam a EJA e os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Oliva Lorentz Schumacher, bem como observar suas interações e intervenções.

A metodologia adotada neste estudo foi a exploratória e descritiva. Para Gil (2002, p. 41) as pesquisa exploratória “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, [...] têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Ainda de acordo com Gil (op. cit. 2002, p. 42) as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]”. Assim, viu-se na pesquisa exploratória e descritiva uma possibilidade de analisar mais diretamente os alunos e professores, a partir da descrição de ações realizadas pela ferramenta Grupos no *Facebook*.

Para a técnica de coleta de dados utilizou-se entrevistas semiestruturadas com os professores atuantes nesta modalidade de ensino, por favorecer a flexibilidade e a espontaneidade; o uso do diário de campo, por permitir a descoberta de novos aspectos do contexto estudado e possibilitar relatos fidedignos do contexto estudado; a pesquisa

bibliográfica, por permitir analisar referenciais publicados e utilizá-los como bagagens referentes aos pressupostos teóricos do tema em estudo e, a pesquisa sócio antropológica, objetivando identificar problemas e dificuldades encontradas pelos educados, no que se refere ao uso das redes sociais.

A pesquisa realizada apresenta caráter exploratório, pois é um assunto pouco estudado, sendo que o método de análise do conteúdo pesquisado foi a qualitativa, tendo em vista que o estudo foi realizado pela descrição das ações realizadas pelos professores e alunos, na compreensão e interpretação dos dados coletados, das intervenções e interações provocadas e registradas, da análise do perfil dos alunos usuários do *Facebook* e dos dados da pesquisa antropológica.

6. DISCUSSÃO DOS DADOS

A discussão dos dados está organizada de acordo com a metodologia de pesquisa adotada para a efetivação deste estudo, conforme segue. No início do ano letivo estavam matriculados sessenta e quatro alunos, destes, 8% estão infrequentes e 25% abandonaram a escola. Todos têm histórico de reprovação escolar. Com relação ao acesso à internet, foi constatado que 15% têm computador em casa com acesso a internet, 70% tem telefone celular ou *smartphone* com acesso a internet, 5% tem telefone celular sem acesso e 10% não tem acesso a internet ou celular, devido à localização da moradia e ou dificuldades financeiras. Assim, é possível verificar que, grande parte dos alunos possuem formas de acesso, além da escola.

Os alunos foram totalmente a favor da proposta de criação do grupo EJA <https://www.facebook.com/groups/167731886747505/members/>, dentro da página do *Facebook* da escola, onde o professor postaria as atividades e os alunos comentariam. O grupo possui cinquenta e cinco usuários, destes treze são professores, trinta alunos que já eram usuários da rede social e, doze novos usuários, que criaram uma conta em função do grupo da escola.

Observou-se a motivação dos alunos na exposição da proposta, sendo que a maioria já tinha perfil na rede social e os que não tinham criaram seus perfis com a ajuda dos colegas e dos professores. Isto comprova o desejo dos alunos em estarem integrados à rede social, a um mundo do qual não faziam parte. No entanto, para que esta inserção ocorra de forma proficiente é fundamental que o aluno compreenda a importância do domínio da leitura e da

escrita, bem como sua função, pois “[...] é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.” (BRASIL, PCNs, 1997, vol.2, p.21). A criação do grupo, fez com que os alunos pudessem ver a ferramenta de forma diferenciada, saindo apenas de sua função de entretenimento, para uma função com cunho pedagógico e, social.

Com este projeto, os alunos se envolveram de uma forma bem maior da esperada pelos professores, no qual se pôde observar uma fala entre alunos “*A mãe vai me dar dinheiro para comprar cartão quando chegar o bolsa família, daí eu posso entrar no face.*” Mostrando a vontade de logo conseguir acessar a internet via celular. Já outro aluno diz “*Ainda não tenho telefone, estou juntando uns trocados para comprar*”, isso mostra o envolvimento e empolgação deles com o trabalho e com o acesso em diferentes meios à internet.

Mesmo com diferentes meios de acesso, os alunos também utilizam o laboratório de informática da escola, em momento definidos para utilizarem também por ali, as redes sociais e assim, participarem das discussões abertas no grupo criado. Nestas falas é observado o explícito fosso da desigualdade social, aumentando a responsabilidade da escola, pois de acordo com Brasil (2013) “com certeza, a educação pode contribuir para diminuir diferenças e desigualdades, na medida em que acompanhar os processos de mudanças, oferecendo formação adequada às novas necessidades da vida moderna”.

Portanto, a escola deve cumprir sua função social e educativa, empenhando-se em criar estratégias que possibilitem a exploração deste espaço, levando-os a construir a consciência crítica em relação ao uso abusivo e uso adequado da internet, estimulando-os a usufruir desta ferramenta visando fomentar descobertas para o uso adequado do objeto do desejo, que é o acesso à rede social.

O professor AF enfrentava problemas de disciplina com seus alunos, ocorrendo episódios que quase o fizeram desistir da EJA. Os alunos resistiam às suas propostas de trabalho, tratavam-no com discriminação, alegava que não conseguia atingir os objetivos dos trabalhos planejados, enfim, estava desestimulado com seu trabalho, sem ver resultados e/ou progressos.

Diante do exposto, percebeu-se que, após a criação do projeto Grupo EJA, a mudança na interação professor/aluno foi notável e com expressivo empenho na realização das atividades propostas. O professor combinava anteriormente a proposta de trabalho e no laboratório de informática acessavam o *Facebook*. O trabalho era apresentado de forma interativa e virtual, enquanto os alunos acessavam nos computadores.

Em primeiro momento, foi lançada uma proposta de atividade em que os alunos deveriam apresentar-se ao grupo e expressar opiniões. Nesta oportunidade não foram orientados quanto à escrita correta. Nos momentos seguintes, no que se refere ao uso da norma culta da língua portuguesa, todas as participações dos alunos eram monitoradas pelos professores. Este monitoramento era realizado em tempo real e solicitado a correção via *inbox*. Ocasionalmente, os professores, fora do seu horário de trabalho, faziam as correções.

Pode-se observar as interações entre o professor e alunos nos seguintes fragmentos, apresentando na Figura 01, no qual o professor propôs a atividade.

Nesta atividade houve vinte e oito visualizações e trinta e nove comentários e, em outra atividade. Conforme Figura 02, os alunos que não estavam presentes na aula, responderam a atividade via celular e ou fora do horário da aula. O que isso representou a esse professor? Que a rede social estava conseguindo aproximar os alunos ao professor. Que a diferença entre posições, ou nível intelectual se reduzia via *Facebook*, no qual os alunos sentiam-se pertencentes a um grupo e, estavam interessados em aprender dessa forma diferenciada.



Figura 1 – Aula desenvolvida pelo professor na área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.



Figura 2 – Aula desenvolvida pelo professor na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Pôde-se observar que os professores que participaram efetivamente do Grupo EJA, mediavam as interações, questionando e provocando respostas. Diante disto, corrobora-se com Brandão (1981),

Um dos pressupostos de Paulo Freire [...] educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a autoeducação é um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. (BRANDÃO, 1981, p.21)

Esta troca ocorre quando o professor consegue desenvolver o olhar crítico, capaz de perceber as mudanças significativas que ocorrem na sociedade contemporânea desenvolvendo a capacidade de compreender as significações explícitas e implícitas no contexto escolar.

Uma fala da professora JP, ao ser questionada quanto à importância do projeto pedagógico que criou o Grupo EJA confirma o pressuposto que Freire (2007) defende, o do trabalho em grupo, a ajuda mútua, conforme relato:

Este trabalho do projeto (referindo-se ao Grupo EJA) é muito bom. No começo resisti, mas agora vejo que tem sido positivo, pois o comportamento dos alunos no laboratório de informática é bem diferente da sala de aula. Ali eles fazem **trocas**. Hoje vi que o aluno E orientava as colegas que ainda não sabem “mexer” direito no computador, já o aluno A mostra outro comportamento e produz mais do que na sala de aula [...] eles trocam informações, se ajudam... É uma pena que a internet seja tão lenta. (grifo nosso) (FREIRE, 2007, p. 54)

Outro aspecto observado vai além das significações, atém-se ao objeto de interesse dos alunos, pois a professora MD não tem perfil no *Facebook*, e utilizou o perfil da escola para realizar as atividades tratando de uma temática de interesse deles. Esta atividade obteve cinquenta e cinco comentários, enquanto que em outra atividade da mesma professora em que o assunto não foi significativo aos alunos, suscitou dezoito comentários de trinta e duas visualizações.

Portanto, de acordo com Barbosa, (1998, p. 18), ao propor atividades para seus educados, o professor deve considerar “o processo de resgate do interesse do aprendiz, na tentativa de melhorar sua vinculação afetiva com as situações de aprendizagem”, esta vinculação afetiva contribui para a proficiência da leitura e da escrita, correspondendo à sua função social, aos anseios e necessidades individuais e coletivas, estabelecendo o hibridismo nas práticas letradas dos estudantes da EJA.

A professora MD venceu as limitações da cultura digital ao participar do trabalho no Grupo EJA, de acordo com Freire (2007, p. 22), “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa”. Este compromisso com a educação na EJA ultrapassa as barreiras humanas impostas. É a busca da libertação da opressão do descomprometimento, do medo, da alienação, da superação de limitações.

Por outro lado, os professores AF e PS, além de atuarem efetivamente para o desenvolvimento do processo de letramento no Grupo EJA, consideram-no como um ambiente de aprendizagem que superou as expectativas iniciais. “*As minhas experiências foram positivas, consegui que os alunos escrevessem mais e melhor do que a sala de aula*

convencional. Penso que este é o caminho para atingirmos o nosso público.” (Professora PS). E que bom que os professores estão vendo melhorias na educação e na participação dos alunos nos trabalhos propostos. Indicando assim, uma melhora significativa na aprendizagem.

A participação dos alunos nos debates propostos pelos professores, fora do horário normal da aula, conforme Figura 3, confirma o envolvimento e o comprometimento com as propostas efetuadas.

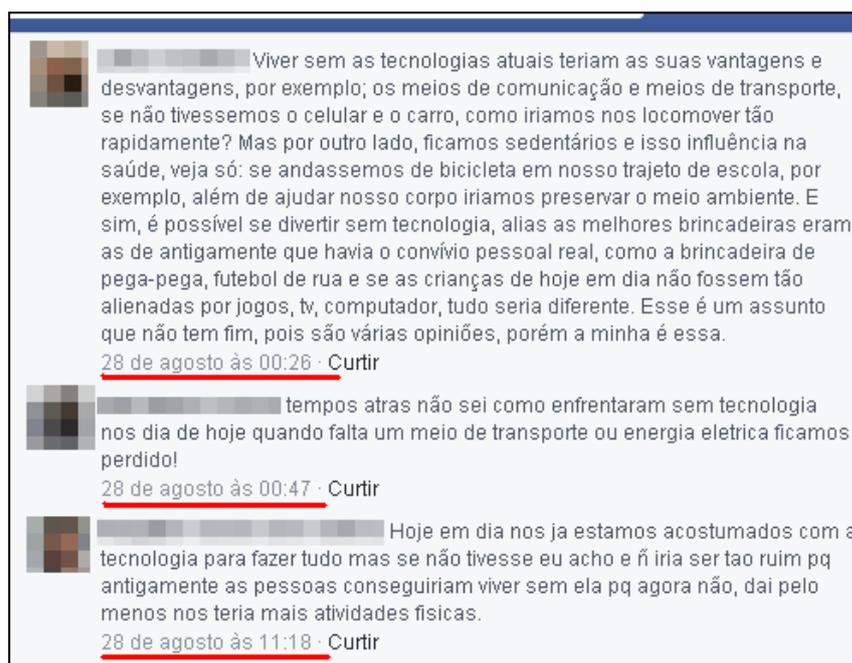


Figura 3 – Aula desenvolvida pelo professor na área de Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias

Tal participação não ocorreria da mesma forma se houvesse acontecido nos meios tradicionalmente convencionais. Certamente o Grupo EJA propiciou um ambiente para a apropriação da leitura e da escrita.

Os alunos da EJA não diferem dos alunos das classes regulares de ensino, estando sempre conectados à internet, sendo necessário recolher os telefones no início da aula, mesma medida tomada com os alunos do ensino regular. Este aspecto observado aponta para a afirmação de Oliveira (2004, pg. 59) quando diz que “o jovem tem um olhar para o futuro. Na transição da infância para a fase adulta está ligado às inovações tecnológicas, aos modismos dos meios de comunicação, ou seja, às mudanças que ocorrem no mundo”, é uma nova realidade que não pode ser contestada, sendo necessário criar e recriar ações, que possibilitem a proficiência na aquisição da leitura e da escrita.

Certamente, esta análise apontará possíveis ações para a apropriação proficiente da leitura e da escrita, a partir do momento que os professores tomarem conhecimento dos resultados obtidos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no letramento a partir do contexto das redes sociais configura-se em um desafio necessário e emergente, o professor não pode se dar o direito de enclausurar-se apegado em suas práticas tradicionais, deve aventurar-se a trilhar novos ambientes, integrar-se ao mundo do educando, com ele interagir e aprender, relacionar redes sociais virtuais e letramento, não negar que o hibridismo está presente entre o elo do contexto escolar e as redes sociais.

É evidente que ao participar de debates no *Facebook* o educando lê, interpreta, contesta, compartilha opiniões, forma ideias e visões de mundo, por ele absorvida e ou disseminada, desenvolvendo o letramento com autonomia e de forma colaborativa.

Portanto, não há como contestar, refutar, combater ou tentar neutralizar o fenômeno da participação dos adultos, jovens e adolescentes nas redes sociais, ao contrário, é preciso estimular o desenvolvimento do olhar crítico e seu uso consciente, concebendo-a pedagogicamente como um recurso/instrumento para a superação dos obstáculos à apropriação proficiente da leitura e escrita.

Com isso, conclui-se que é possível usar o *Facebook* como ferramenta educativa da web 2.0 voltada para a proficiência das aprendizagens, a partir do momento que o professor orienta seu aluno quanto ao uso de uma escrita correta, estimula-os a evitarem o uso do *internetês* nas produções de trabalhos pedagógicos propostos, leva seus aprendentes a perceberem a importância do uso das normas cultas da língua portuguesa, tanto nos aspectos culturais quanto nos sociais. Desta forma, prepara-os para a vivência de práticas que exijam o letramento fora do contexto escolar, habilitando-os para o exercício da cidadania. Para tanto, torna-se indispensável que os professores da EJA compreendam a função social da leitura e da escrita proficiente e estimulem os alunos na busca da superação das evidentes mazelas presentes de forma mais explícita nesta modalidade de ensino, que os incentivem a apropriarem-se deste espaço democrático propiciado pelas redes sociais e nele lutar para libertação da opressão da exclusão e das desigualdades sociais, educacionais e culturais.

Para finalizar, a cultura do letramento escolar nas redes sociais sugere o poder de fazer emergir outras formas de letramento, de acordo com a compreensão dos alunos, com os interesses e necessidades individuais ou do grupo social a que pertencem.

Assim, finaliza-se o presente estudo, concluindo que a experiência desenvolvida com o grupo no *Facebook* trouxe muitos questionamentos aos professores e, os fizeram pesquisar, querer saber mais e se envolver com a proposta. Assume-se uma nova postura, a mudança é bem-vinda, o que define que os objetivos iniciais lançados a partir do estudo se concretizassem. Não se pode concluir aqui, mas sim, este estudo está sendo o início de novos paradigmas educativos, incluindo os alunos da EJA no contexto virtual, sendo eles, agentes dessa nova forma de aprender e ensinar.

8. REFERÊNCIAS

ALDA, Clarice Lopes de, ASSAGRA, Andressa Grilo e BORGES, Gabriela Simões. (org.) **Leitura:** o mundo além das palavras. Instituto RPC. Curitiba: Instituto RPC, 2010.

ALVES, Rubem. **Gaiolas ou Asas:** A arte do voo ou a busca da alegria de aprender. Porto, Edições Asa, 2004.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Projeto de trabalho:** uma forma de atuação psicopedagógica. 2. ed. Curitiba: L. M. S, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**, 1ªed. – São Paulo: Brasiliense, 1981. – (coleção primeiros passos)

BRASIL, Cristiane Costa. **História da alfabetização de adultos:** de 1960 até os dias de hoje. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/100/103/TCC/12005/CristianeCostaBrasil.pdf>. Acesso em: 29/07/2013.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - introdução. Brasília, MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Introdução aos Parâmetros Curriculares nacionais. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Tecnologias da comunicação e informação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria da Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério Da Educação Conselho Nacional De Educação. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos.** Brasília: MEC, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação:** Economia, Sociedade e Cultura. Volume I. A Sociedade em Rede. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

_____. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: RJ, Editora Zahar, 1ª edição, 2013.

CORRÊA, Juliane. **TICs, mediações necessárias.** Revista Presença Pedagógica. V. 18 / Nº 104 Mar/Abr. Belo Horizonte – MG: Editora Dimensão, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

_____. **Educação e mudança.** 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª Ed. São Paulo: Atlas S/A, 2002.

HADDAD, Sérgio. Tendências atuais na Educação de Jovens e Adultos. **Em Aberto,** Brasília, ano 11, nº 56, out./dez, 1992. Disponível em <http://biblioteca.planejamento.gov.br/biblioteca-tematica-1/textos/educacao-cultura/texto-128-2013-tendencias-atuais-na-educacao-de-jovens-e-adultos.pdf>. Acesso em: 24/09/2013.

LISBÔA, Eliana Santana. **Aprendizagem Informal na Web Social?** Um estudo na rede social Orkut. Disponível em < <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13042>> Acesso em 31/07/2013.

MARQUES, Francisca Maria Mendes. **Andragogia:** sonho e realidade. Araras, SP: UNAR, 2007.

MARTINS, G. J. T.; et all.. **A contribuição das redes sociais virtuais para a aprendizagem e construção do conhecimento**: evidências em estudantes de cursos de graduação. IX Colóquio Internacional Sobre Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis – Brasil. 25 a 27 de novembro de 2009. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/>. Acesso em 16/12/2013

MATTAR, João. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Princípios pedagógicos na educação de jovens e adultos**. Revista da Alfabetização Solidária, v.4, n.4, São Paulo: Unimarco, 2004.

PAIVA, Jane, MACHADO, Maria Margarida, IRELAND, Timothy. (org.) **Educação de Jovens e Adultos**: uma memória contemporânea 1996 – 2004. Edição eletrônica, MEC: Brasília, 2007. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=&gid=657&option=com_docman&task=doc_download. Acesso em: 19/11/2013.

PAIVA, Vanilda P. **Mobral: um desacerto autoritário** – 1ª parte: o Mobral e a legitimação da ordem. Síntese: Rio de Janeiro, 1983.

Patrício, Maria Raquel; Gonçalves, Vítor - Facebook: rede social educativa? In I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2010. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/3584>. Acesso: 12/10/2013.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da, (org.) **Cidadania e redes digitais** = Citizenship and digital networks. – 1ª ed. – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010. Disponível em <http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/files/003samadeu.pdf>. Acesso: 30/09/2013.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. - (Diretrizes Curriculares Nacionais)

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.